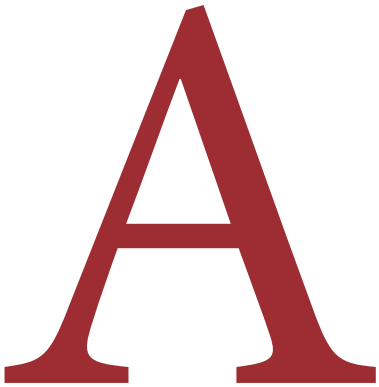
# a valentia dos CABANOS ressoa

DEBORAH KIETZMANN GOLDEMBERG RESGATA A RESISTÊNCIA CABANA EM LIVRO QUE MISTURA FICÇÃO E REALIDADE

por Elielton Amador



memória da Cabanagem paraense ganhou ressonância na escrita da paulista Deborah Kietzmann Goldemberg. O fato é relevante, uma vez que a historiografia nacional insiste em esquecer em detalhes a maior revolução popular contra o império português no país. Mais do que rememorar um evento quase esquecido, "Valentia" (Grua, 2012) traz o fato histórico para a sua contemporaneidade. É verdade que houve uma guerra que aconteceu entre os anos de 1835 e 1840 na província do Grão-Pará e que dessa guerra saíram vitoriosos os colonizadores, custando a vida de quase metade da população da época – talvez 40 mil vidas. Mas que guerra foi essa? Quem eram aquelas pessoas? O que delas sobrou?

A lembrança vaga, passada de pais para filhos. É o que nos diz Deborah, que intercala um relato ficcional com depoimentos de descendentes dos cabanos ribeirinhos que habitaram e guerrearam às margens dos rios Tapajós e Arapiuns, na região do município de Santarém, Baixo Amazonas. Ela, que também é antropóloga, participou (com mais uma dúzia de pesquisadores, jornalistas e cineastas paulistas e paraenses) de uma espécie de expedição, a Caravana da Memória Cabana, organizada pelo Frei Florêncio Vaz, ele mesmo antropólogo indígena.

Daí nasceu a inspiração para as desventuras de Samaúma, filho de um índio e de uma francesa que viaja pelo Tapajós após a retomada de Belém pelo governo em 1836, onde tenta organizar uma resistência. Entre histórias recheadas de sangue e paixão, com toda a visceralidade que todos os relatos guardam daquela guerra, Samaúma vive os dilemas entre a guerra e o amor, entre as suas identidades, entre a prática e o idealismo. Uma escrita direta e vibrante que resgata a fala e a linguagem dos nativos – há um quê da mitologia fantástica no realismo direto de Deborah.

Os relatos dos ribeirinhos de hoje recolocam a Cabanagem no plano do real, de onde sobrevém a injustiça que permanece. Talvez um "estrangeiro" devesse ter esse olhar sobre os fatos da nossa história para que possamos, então, resgatá-la e ressignificá-la. Quilombolas, indígenas aculturados em busca de uma nova antiga identidade. Seremos nós? Os "ribeirinhos", que ninguém sabe exatamente quem são, tornam-se um pouco mais vivos a cada relato.

"Muita gente nova chegando para achar a história adormecida! Sejam bem-vindos à nossa senzala. Isso é muito bom, porque nós vamos acabar e a história vai ficar", diz um dos relatos contemporâneos e anônimos presentes no livro de Deborah.

**O romance "Valentina", da paulista Deborah Kietzmann Goldemberg (foto ao lado) foi indicado ao Prêmio Machado de Assis, da Biblioteca Nacional.**

"Valentia" chega no rastro de outros livros recentes sobre a Cabanagem, escritos por observadores de fora da região, como "A Miserável Revolução das Classes Infâmes" (Ed. Record, 2005), de Décio Freitas, escritor gaúcho que faleceu logo após mandar o livro para a prensa. Mostra, apesar da ignorância da historiografia oficial, o crescente interesse pelo tema. O livro reacende esse interesse documental sem perder o valor criativo de uma literatura contemporânea. Não à toa, o livro foi indicado ao prêmio Machado de Assis, da Biblioteca Nacional, concorrendo com outras 22 obras contemporâneas incluindo os últimos livros de Bernardo Kucinski e Nélida Piñon. Sua narrativa rápida em primeira pessoa mostra as angústias da personagem principal e cria tensões crescentes na trama.

A história tem espaço inclusive para um judeu que às margens do rio leva e traz guerrilheiros de ambos os lados sem tomar partido. Mas não há espaço durante muito tempo para ficar em cima do muro em qualquer guerra. Assim como os seus personagens, Deborah sabe disso. Nascida de uma família de formação sincrética, ela se converteu ao judaísmo, religião do pai, aos 23 anos. E casou com um ortodoxo russo. Essa diversidade a deixa pender, em identificação, de maneira quase apaixonada pelos relatos cabanos. "Foi muito interessante encontrar judeus mundurukus durante a viagem", contou ela.

Deborah confessa na entrevista que se segue pelas próximas páginas que sua vontade é ajudar a difundir a memória da Cabanagem entre a população da Amazônia, pois mesmo entre os habitantes da região há quem ignore o fato. "Gostaria que esse livro fosse lido em rodas de leitura pela Amazônia afora", diz ela ao final do romance em nota da autora.

Confira a seguir trechos da entrevista que Deborah concedeu por e-mail, de São Paulo, onde mora com o marido Nicolau e a pequena Pauline, sua filha de dois anos.

**PZZ** - Por que você escolheu a Cabanagem como tema para seu livro?

**Deborah** - O livro nasceu de um convite do Frei Florêncio Vaz (de Santarém) para eu embarcar numa caravana fluvial pela região onde houve a resistência ribeirinha da Cabanagem, para colher a memória da história que as mulheres idosas guardavam com elas. Ele conduz um trabalho de valorização cultural na região de longo prazo. Achei interessante entender o que levou aqueles homens e mulheres a se rebelarem de tal forma. É comum dizer que no Brasil o povo é manso, mas naquela instância eles foram valentes. Outro fator de interesse foi de que os índios, negros e mestiços se uniram nesta guerra. Além de haverem líderes brancos, como em outras insurreições, esta realmente popular e mobilizou as massas.

**PZZ** - A impressão que temos aqui, na Amazônia, é de que a Cabanagem é um momento histórico ignorado ou negligenciado pela história oficial do Brasil. Você concorda com essa impressão? O que justifica isso, na sua opinião?

**Deborah** - Sim, é um momento histórico da maior importância, mas pouco conhecido e negligenciado em todo o Brasil. Mesmo em Santarém, poucas pessoas se interessam pelo tema. As razões disso, a meu ver, são que a história é sempre contada pelos vencedores e o fato de que os perdedores que sobreviveram (e seus descendentes) provavelmente quiseram esquecer uma história tão sangrenta e sofrida. Isso acontece com sobreviventes do holocausto, por exemplo. Muitos preferem esquecer.

**PZZ** - Como surgiu a ideia da Caravana da Memória Cabana?

**Deborah** - Tudo começou com o convite do Frei Florêncio Vaz. Eu o conheci numa conferência de antropologia em Porto Seguro. Identificamo-nos imediatamente, eu escrevi uma crônica sobre algo que vivenciamos juntos e ele guardou isso com ele. Quase dois anos depois, confiou a mim a tarefa de colher as histórias da Cabanagem. Convidei vários artistas paulistanos, mobilizando-os com o meu entusiasmo - o cineasta Cris Burlan, a fotografa Karime Rubez, o jornalista Nicolau Kietzmann, o antropólogo Leandro Mahalem de Lima e, principalmente, a ilustradora de Valentia, Aline Binns.

**PZZ** - Como foi escolhido o roteiro da Caravana que captou os relatos que deram origem ao seu romance?

**Deborah** - O Frei Florêncio organizou um roteiro de visitas em Santarém e nas margens dos rios Arapiuns e Tapajós, com base no conhecimento dele na região. Priorizou os lugares onde havia mais pessoas idosas e interessadas na história da Cabanagem. Íamos parando nas comunidades, sendo recebidos por líderes comunitários e conversando com as pessoas.

**"A Cabanagem é um momento histórico da maior importância, mas pouco conhecido e negligenciado em todo o Brasil. Mesmo em Santarém, poucas pessoas se interessam pelo tema."**

**PZZ** - Apesar de ser um evento histórico negligenciado, há uma literatura regional sobre o tema. Você conhece essa literatura?

**Deborah** - Eu conheço os livros de Márcio Souza e Décio Freitas, a dissertação de mestrado de Leandro Mahalem de Lima (que participou da Caravana conosco) e li diversos folhetos que recebemos durante a viagem. Tentei não me influenciar tanto por essa literatura. Utilizei-a (particularmente o trabalho de Leandro) para calcar o romance no tempo histórico correto, incorporar alguns eventos e personagens históricos essenciais. No mais, preferi me deixar influenciar pelas vozes dos comunitários.

**PZZ** - Você acha que poderia definir a Cabanagem? Como você a definiria?

**Deborah** - Não sei se sou qualificada para isso! Concordo com o intelectual Caio Prado Jr. que é a revolução popular mais importante do Brasil. Durante a viagem, a impressão que fiquei foi que

**Ilustração de Aline Binns presente no livro "Valentina" mostra reunião de várias etnias indígenas para preparar a resistência cabana no Tapajos.**

**O livro da escritora Deborah Kietzmann Goldemberg (ao lado) nasceu de um convite do Frei Florêncio Vaz, de Santarém, para ela embarcar numa caravana fluvial pela região onde houve a resistência ribeirinha da Cabanagem, para colher a memória da história que as mulheres idosas guardavam com elas.**

Cabanagem é o rótulo genérico dado a várias revoluções que aconteceram num período histórico, pequenas e grandes, coordenadas ou não, mas integradas pelo efeito do estouro da "panela de pressão" que foi a tomada de Belém. Aquilo inspirou muitos a agirem contra a opressão que pairava na região.

**PZZ** - A que público seu livro é destinado? Como você acha que seu ele vai contribuir para a formação de jovens principalmente de outras regiões do país que não tem muito acesso a esse conhecimento?

**Deborah** - Eu busquei escrever literatura, ir além de escrever um livro sobre a Cabanagem. É um romance de apelo universal, para os que vivem na Amazônia ou no Japão. No entanto, como digo na nota da autora ao final do livro, meu sonho é que ele seja vastamente lido em rodas de leitura na Amazônia. Isto se dá no sentido de gratidão por tudo o que vivi nesta região e porque acredito que isso possa ajudar a esta história ser devidamente valorizada.

**PZZ** - Como foi o processo criativo? Transformar relatos históricos em uma narrativa ficcional?

**Deborah** - O processo criativo aconteceu de duas formas. A história de Samaúma foi totalmente ficcional, inspirada pela sensação que tive na viagem, mas desprendida dos relatos que colhi (apenas mantendo o eixo dos fatos históricos). Os relatos foram anotados num diário de viagens. Alguns tinham muito potencial ficcional e na hora que as pessoas narravam, eu já sabia que iam entrar no livro. Outras não tinham este potencial, mas seu conteúdo era importante para o livro. Essas deram mais trabalho. Tive que trabalhar com elementos destes depoimentos e tecer um enredo ou uma linguagem que viabilizasse a inclusão delas no livro. No final, algumas dessas acabaram sendo as mais divertidas. Um exemplo é a conversa transcrita do Skype. Esta é a mágica de trabalhar no limiar da realidade e literatura.

**PZZ** - Finalmente, quando você pretende vir ao Pará novamente divulgar o teu livro?

**Deborah** - Eu gostaria muito de ir. Idealmente, eu faria um lançamento em Belém, São Luís e Manaus. Quem sabe, a partir de um convite, para garantir que haja um público interessado. Vamos torcer por isso. ♦

**NA REDE:**
**www.valentinaoromance.blogspot.com**

ASSOC. DE MORAD. REMANESCENTE DE
QUILOMBOS DO ARAPEMÃ

Estas fotos foram produzidas durante a "Caravana da Memória Cabana" realizada com dez pesquisadores e jornalistas paulistas e paraenses pela região dos rios Tapajós e Arapiuns, em Santarém. As mulheres nesta página são descendentes de cabanos da região que deram relatos orais sobre a guerrilha. Os depoimentos serviram de inspiração para o enredo do livro "Valentina", da antropóloga Deborah Kietzmann Goldemberg.